

SOCIEDADE PORTUGUESA DE MEDICINA DO VIAJANTE

COMUNICADO À IMPRENSA

24 de maio de 2026

Ébola no Uganda – atualização para viajantes

Implicações para viajantes

O Uganda é um dos destinos mais extraordinários do mundo, mas viajar com responsabilidade exige estar a par da realidade no terreno. Face às notícias recentes sobre o surto de Ébola no país, a SPMV decidiu publicar esta atualização detalhada. O nosso objetivo é esclarecer a diferença entre o risco real de saúde e os desafios logísticos — como o fecho de fronteiras — para que cada viajante possa tomar uma decisão informada e segura sobre a sua viagem. Mais do que o risco clínico, o viajante deve estar preparado para a imprevisibilidade das decisões governamentais, que podem afetar voos e passagens terrestres de imediato.

No dia 19 de maio o Uganda Tourism Board (UTB) publicou um comunicado oficial, quando ainda existiam 2 casos, a tranquilizar os viajantes e operadores turísticos internacionais, informando que todos os parques nacionais, hotéis, safaris e transportes continuam a funcionar normalmente. A informação foi baseada no facto de que não havia registo de propagação comunitária ou infeções locais por Ébola dentro do território do Uganda, tendo o Ministério da Saúde Ugandês ativado sistemas rigorosos de vigilância, rastreio e medição de temperatura em zonas de fronteira e aeroportos.

Entretanto, **em 23 de maio, autoridades de saúde confirmaram três novos casos**, elevando o **total para cinco infeções**. Perante isto o **governo suspendeu voos e transportes públicos (autocarros e ferries) de e para a República Democrática do Congo (RDC) por um período de quatro semanas, com efeito a partir desse dia**. As celebrações do Dia dos Mártires de Uganda, previstas para 3 de junho, foram também suspensas para evitar grandes aglomerações.

Os **5 casos registados no Uganda estão focados na capital Kampala** e na rota vinda da RDC. A região sudoeste e oeste dos gorilas encontra-se resguardada e sob vigilância máxima.

Caso 1 (O Paciente Zero no Uganda): Um homem congolês de 59 anos que viajou da RDC para Kampala em busca de tratamento médico. Ele faleceu em 14 de maio numa unidade de cuidados intensivos. O seu corpo foi repatriado para a RDC no mesmo dia para o funeral, seguindo protocolos de segurança.

Caso 2: Uma pessoa que regressou da RDC e testou positivo em Kampala em 16 de maio. As autoridades confirmaram que não há ligação aparente entre este indivíduo e o Caso 1. Está internado na Unidade de Isolamento de Mulago (Mulago Isolation Treatment Unit), em Kampala.

Caso 3: O motorista ugandês que transportou o Caso 1 quando este chegou ao país. Internado na Unidade de Isolamento de Mulago (Mulago Isolation Treatment Unit), em Kampala.

Caso 4: Um trabalhador de saúde que prestou cuidados diretos ao Caso 1 no hospital antes do diagnóstico ser confirmado. Internado na Unidade de Isolamento de Mulago (Mulago Isolation Treatment Unit), em Kampala.

Caso 5: Uma mulher congoleza que entrou no Uganda através de Arua e viajou para Kampala já com sintomas, para procurar assistência médica. Após passar por Entebe, procurou ajuda num hospital privado em Kampala, onde os médicos não suspeitaram inicialmente de Ébola. Ela apresentou melhoria dos sintomas e recebeu alta no dia 14 de maio. Após a alta, viajou de volta para a RDC por meios próprios. Entretanto, após confirmação do resultado positivo, foi localizada e isolada na Unidade de Isolamento de Beni na RDC.

Os contactos destes casos foram rastreados e atualmente estão 127 pessoas em quarentena domiciliária ou em centros designados em Kampala. São acompanhadas diariamente por equipas de saúde para medição de temperatura e verificação de sintomas, tendo o governo reforçado a vigilância para evitar que contactos próximos viajem para outras regiões ou cruzem a fronteira para o Ruanda.

O perfil de quem visita o Uganda é muito específico, pois o país não é um destino de "turismo de massa". É um viajante focado em natureza selvagem e experiências autênticas.

99% das viagens turísticas focam-se nas reservas de animais, para safari e observação de gorilas de montanha (Bwindi) e chimpanzés (Kibale), estando a maioria localizadas no sudoeste e oeste do país.

No entanto a escolha do ponto e forma de entrada altera significativamente o perfil de exposição ao risco e as restrições burocráticas que se pode enfrentar.

A entrada por Entebe/Kampala coloca o viajante mais próximo de áreas onde foram registados casos, embora ainda de forma limitada. Esperam-se triagens de saúde extremamente rigorosas no aeroporto de Entebe e controlos de temperatura frequentes durante a longa viagem de estrada até às reservas.

A entrada por Kigali (Ruanda) para o Uganda é considerada a rota mais segura, mas também a mais sujeita a bloqueios de fronteira repentinos. Até 22 de maio o Ruanda não registou qualquer caso de Ébola. É um "porto seguro" sanitário no momento. No entanto implementou medidas severas estando a fronteira terrestre com o Uganda sob vigilância máxima. O maior risco aqui é a quarentena. Se o Uganda registar um aumento súbito de casos enquanto o viajante estiver nas reservas, o Ruanda pode fechar a fronteira ou exigir quarentena obrigatória para o seu regresso a Kigali.

Para o **viajante importa perceber** que, embora em termos de **risco de exposição**, este seja considerado muito baixo, dado que maioritariamente vai com um serviço de transporte privado para as zonas das reservas, em termos de risco logístico pode ser o perigo real. O Ruanda ou o Uganda podem fechar a fronteira terrestre (Cyanika/Katuna) de um momento para o outro, deixando o viajante retido no lado "errado". Pode haver **cancelamento de voos com as companhias aéreas a suspender rotas** para Entebe se o número de casos subir, forçando-o a alterar planos de última hora. Pode ainda haver exigência de quarentena no regresso, com o país de origem ou de escala a exigir quarentena obrigatória ou testes PCR dispendiosos só por ter estado em solo ugandês. Outra questão importante está relacionada com o seguro de viagem e se cobre emergências sanitárias. A maioria dos seguros de viagem funciona com base no imprevisto. Se o viajante tinha

o seguro antes da declaração do surto, é provável que esteja coberto para cancelamentos e assistência médica. Neste momento o Ébola é considerado um "evento conhecido". Muitos seguros podem excluir agora cancelamentos relacionados com o surto no Uganda. Relativamente a impedimentos de viajar de volta, a maioria dos seguros não paga estadia em hotel por quarentena preventiva. Apenas apólices com cobertura específica para "Interrupção de Viagem por Doença Infeciosa" pagam uma diária para cobrir o hotel e alimentação enquanto estiver retido. Se o Uganda declarar um *lockdown* regional, o seguro pode alegar "ordem governamental", o que é frequentemente uma cláusula de exclusão.

Viajar para o Uganda neste momento é possível, mas não deve ser feito sem uma estratégia de contingência. Perante a volatilidade das fronteiras e a evolução do surto, a segurança deve preceder a aventura. Manter-se informado e atualizado, escolher rotas que minimizem o risco logístico e privilegiar sempre as orientações das autoridades de saúde internacionais é fundamental.

Sociedade Portuguesa de Medicina do Viajante

<https://spm.v.simpodium.pt/> | direcao@spm.v.pt